

Masterclasse de Cinema e Música

Lauro António e Teresa da Palma  
Pereira

VIDAS COM MÚSICA



Sessão 12 – 12 de Abril 2018 | VERDI (1953)



As vidas de artistas podem ser vistas e contadas sob muitos pontos de vista e sob diversas vertentes. Esta diversidade tem as suas vantagens e desvantagens. Dá para surgirem obras de grande envergadura e outras de menor impacto, algumas curiosidades e certos exotismos. Umas mais sérias outras mais fantasiadas. “Giuseppe Verdi”, que Raffaello Matarazzo dirigiu em Itália, em 1953, é uma

aproximação curiosa da vida e obra de Verdi, com alguns motivos óbvios que recomendam a sua visão, mesmo que extra-cinematográficos em certos casos.

Raffaello Matarazzo (17.8.1909, Roma; 17. 5. 1966, Roma) é o equivalente italiano ao norte-americano Douglas Sirk. Ambos cultivaram o melodrama até à exaustão. Com alguma diferença, é certo. Enquanto Sirk nos deu pequena obras-primas de sensibilidade e apurado sentido estético, Matarazzo era o dono e senhor do melodrama dos pobrezinhos. Vejamos alguns dos seus títulos na década de 50 do século passado: “Tortura de Mãe” e “Repudiada” (1950), “Os Filhos de Ninguém” (1951), “Odisseia de Uma Mulher” (1952), “Almas em Pecado” e “Turbilhão” (1953), “A Escrava do Pecado” e “Retorno ao Lar” (1954), “Anjo Branco” (1955), “A Desconhecida” e “Drama no Arrozal” (1956), prolongando-se o estilo assim até 1964, com “A Paixão da minha Vida”. Foram estreias de enorme sucesso popular no cinema Odéon, de Lisboa, celebrado por exibir sempre dramas pungentes durante esses anos. Depois Raffaello Matarazzo contava com uma dupla de fazer furor, Amedeo Nazzari e Yvonne Sanson, que repetiam de título em título, venturas e desventuras amorosas com êxito garantido.

No meio desta filmografia de uma enorme coerência temática, surge em 1953, “Verdi”. Raffaello Matarazzo não cede um milímetro na sua coerência temática, continuando no campo de melodrama puro e duro, agora agarrando nalguns aspectos da vida do fabuloso compositor italiano, construindo uma narrativa que intercala amores e dramas com excertos de óperas, das mais conhecidas às menos ouvida

Um primeiro casamento que acaba com a morte da mulher, Margherita Barezzi, e de um filho, em circunstâncias separadas, um novo amor na sua vida, com a cantora Giuseppina Strepponi, de que se afasta mercê de intrigas e ambiguidades, os períodos de pobreza e privação, o apoio à independência e unificação de Itália, finalmente o reconhecimento público, o amor pleno e a morte. O filme começa por aí, a 26 de Janeiro de 1901, durante uma representação de “Othello”, que é interrompida para se dar a notícia de que Verdi se encontra às portas da morte. A câmara salta para o quarto do compositor, com Verdi no leito de morte, e quando acaba de soltar o último suspiro, eis que se volta de lado e se prepara para um longo flashback durante o qual se recordam todos os factos atrás evocados e alguns outros. Pelo meio, como já dissemos, algumas árias de óperas que nos permitem uir alguns dos grandes cantores desses anos, do tenor Mario Del Monaco ao barítono Tito Gobbi. Nesse aspecto, o filme é uma preciosidade, dado que é possível ainda assistir a cenários e encenações dos anos 40 e 50, em teatros como o Scala ou La Fenice.

Matarazzo não é homem para grandes rigores históricos, nem possui uma sensibilidade especial para pequenas subtilezas. O seu filme cota de forma rápida o que mais lhe interessa, deixando de lado muitas vezes o essencial para se preocupar com o acessório. Os actores (Pierre Cressoy, Anna Maria Ferrero, Gaby André) não destoam do ambiente e, abstraindo as cenas rodadas em teatros, no mais a produção mostra-se não mais que remediada.

De resto, apesar do seu tom melodramático, e dos limites óbvios, oferece alguns momentos curiosos e ainda permite recordar um perfeito desastre fotográfico. O filme foi rodado numa película, a Ferraniacolor, que nunca funcionou muito bem e que envelheceu muito mal, devido a alguns defeitos químicos. Durante muitos anos pensou-se que a única forma de rever o filme era numa cópia a preto e branco, até que foi recuperada uma cópia inglesa, a cores, que foi depois comercializada em DVD (zone 1). Essa é a versão que se pode ver, ainda que com uma etalonagem particularmente deficiente.

*Texto de Lauro António*



#### **VERDI**

**Título original:** Giuseppe Verdi

**Realização:** Raffaello Matarazzo (Itália, 1953); Argumento: Leonardo Benvenuti, Liana Ferri, Maleno Malenotti, Raffaello Matarazzo, Mario Monicelli, Piero Pierotti, Giovanna Soria; Produção: Maleno Malenotti; Música: Verdi; Consultor musical: Renzo Rossellini; Fotografia (cor): Tino Santoni; Montagem: Mario Serandrei; Design de produção: Alberto Boccianti, Eduardo Dominici; Decoração: Eduardo Dominici; Guarda-roupa: Dina Di Bari; Maquilhagem: Anacleto Giustini; Direcção de Produção: Valentino Brosio, Vittorio Musy Glori; Som: Kurt Doubrowsky; Companhias de produção: Consorzio Verdi, G.E.S.I. Cinematografica, PAT Film; **Intérpretes:** Pierre Cressoy (Giuseppe Verdi), Anna Maria Ferrero (Margherita Barezzi Verdi), Gaby André (Giuseppina Strepponi), Sandro Ruffini (Marelli), Camillo (Antonio Barezzi), Laura Gore (Berberina Streppono), Loris Gizzi (Gioacchino Rossini), Emilio Cigoli (Gaetano Donizetti), Irene Genna (Violetta), Mario Del (Francesco Tamagno), Tito Gobbi, Gianni Agus, Enzo Biliotti, Lola Braccini, Aldo Bufi (Alexandre Dumas filho), Guido (Victor Hugo), Eduardo de Santis, Hady De Santis, Vito De Taranto, Liana Del Balzo, Franca Dominici, Mario Ferrari, Teresa Franchini, Olga Vittoria Gentilli, Enrico Glori, Orietta Moscucci, Franca Omencini, Turi Pandolfini, Rosetta Pasquini, Gian Paolo Rosmino, Marika Rowsky, Giuseppina Salvi, Gloria Villar, Anna Vivaldi, Leonello Zanchi, etc.

**Duração:** 118 minutos; Distribuição em Portugal: inexistente; Distribuição internacional (EUA): VIEW;

Audio inglês. Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 28 de Setembro de 1955.